

A abordagem biográfica na pesquisa em educação por meio do baralho das significações imaginárias sociais

The biographical approach in education research through the deck of social imaginary meanings

El enfoque biográfico en la investigación educativa a través del barco de los significados imaginarios sociales

Recebido: 14/01/2024 | Revisado: 23/01/2024 | Aceitado: 24/01/2024 | Publicado: 28/01/2024

Gabriella Eldereti Machado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5908-4753>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: gabriellaeldereti@gmail.com

Valeska Maria Fortes de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8295-1007>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: vfortesdeoliveira@gmail.com

Resumo

A pesquisa biográfica é uma abordagem metodológica que se destina a investigar e compreender a vida de um indivíduo de maneira profunda e holística. Essa abordagem vai além dos fatos cronológicos e eventos externos, buscando penetrar nas camadas mais íntimas da experiência de uma pessoa. Ao mergulhar nas narrativas pessoais, memórias e relatos, a pesquisa biográfica procura capturar a complexidade única de uma vida, considerando influências culturais, sociais e psicológicas. Desse modo, será discutido a Abordagem Metodológica do tipo Biográfica, com base nos estudos de Marie-Christine Josso, com o propósito de contextualizar o dispositivo de pesquisa criado, intitulado “Baralho das Significações Imaginárias Sociais”. Pretende-se publicizar a possibilidade de criação de dispositivos de pesquisa para a área da educação e promoção da discussão de temas como gênero e diversidade na formação de professores/as. Refletindo sobre os entrelaçamentos da pesquisa Biográfica e os caminhos investigativos de pesquisa em Educação.

Palavras-chave: Pesquisa em educação; Biográfico; Formação.

Abstract

Biographical research is a methodological approach that aims to investigate and understand an individual's life in a deep and holistic way. This approach goes beyond chronological facts and external events, seeking to penetrate the most intimate layers of a person's experience. By delving into personal narratives, memories and accounts, biographical research seeks to capture the unique complexity of a life, considering cultural, social and psychological influences. In this way, the Biographical Methodological Approach will be discussed, based on the studies of Marie-Christine Josso, with the purpose of contextualizing the research device created, entitled “Deck of Social Imaginary Meanings”. The aim is to publicize the possibility of creating research devices for the area of education and promoting the discussion of topics such as gender and diversity in teacher training. Reflecting on the intertwining of Biographical research and the investigative paths of research in Education.

Keywords: Education research; Biographical; Training.

Resumen

La investigación biográfica es un enfoque metodológico que tiene como objetivo investigar y comprender la vida de un individuo de una manera profunda y holística. Este enfoque va más allá de los hechos cronológicos y los acontecimientos externos, buscando penetrar en las capas más íntimas de la experiencia de una persona. Al profundizar en narrativas, recuerdos y relatos personales, la investigación biográfica busca capturar la complejidad única de una vida, considerando influencias culturales, sociales y psicológicas. De esta manera, se discutirá el Enfoque Metodológico Biográfico, basado en los estudios de Marie-Christine Josso, con el propósito de contextualizar el dispositivo de investigación creado, titulado “Baraja de Significados Imaginarios Sociales”. El objetivo es dar a conocer la posibilidad de crear dispositivos de investigación para el área de educación y promover la discusión de temas como género y diversidad en la formación docente. Reflexionar sobre el entrelazamiento de la investigación biográfica y los caminos investigativos de la investigación en Educación.

Palabras clave: Investigación en educación; Biográfico; Capacitación.

1. Introdução

A pesquisa biográfica é uma abordagem metodológica que se destina a investigar e compreender a vida de um indivíduo de maneira profunda e holística. Ao mergulhar nas narrativas pessoais, memórias e relatos, a pesquisa biográfica procura capturar a complexidade única de uma vida, considerando influências culturais, sociais e psicológicas. Utilizando métodos qualitativos, como entrevistas em profundidade, análise de documentos e diários, essa metodologia permite uma compreensão mais rica e contextualizada da trajetória de um indivíduo, contribuindo para a construção de uma narrativa que vai além dos dados objetivos, revelando a subjetividade e as nuances que moldam uma existência.

Desse modo, discute-se o processo de pesquisa na área da educação por meio do Método Biográfico, através da perspectiva das narrativas de vida, com base nos estudos de Marie-Christine Josso (2010). Realizando o diálogo teórico entre os estudos de Josso e a Teoria do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis (1982), e a demonstração do processo de criação metodológica por meio do dispositivo de pesquisa chamado Baralho das Significações Imaginárias Sociais.

O objetivo desta escrita é publicizar o dispositivo de pesquisa “Baralho das Significações Imaginárias Sociais”, que pode vir a ser inspiração para a criação de caminhos investigativos de temas da educação e outras áreas do conhecimento. Mostrando a relevância da Pesquisa Biográfica de forma teórica e prática, e com isso, a metodologia adotada no texto será qualitativa e expositiva.

2. Metodologia

Este trecho tem início com a discussão da abordagem biográfica por meio das narrativas de vida, com alguns teóricos, iniciando com D. Jean Clandinin (2015), onde menciona que com a narrativa da experiência é possível permear quatro direções investigativas: a introspectiva, extrospectiva, retrospectiva, prospectiva, como afirma. Desse modo, a experiência narrada é refletida na escrita, como menciona Clandinin (2015, p.85-86):

Escrevemos que experienciar uma experiência – isto é, pesquisar sobre uma experiência – é experienciá-la simultaneamente nessas quatro direções, fazendo perguntas que apontem para cada um desses caminhos. Assim, quando se posiciona em um desses espaços bidimensionais em qualquer investigação, elaboram-se perguntas, coletam-se notas de campo, derivam-se interpretações e escreve-se um texto de pesquisa que atenda tanto a questões pessoais como sociais, olhando-se interna e externamente, abordando questões temporais olhando não apenas para o evento, mas para seu passado e seu futuro.

Na docência e na pesquisa, dois contextos em que se faz vivenciar as histórias de vida dos sujeitos por meio da escuta de suas narrativas, compreendendo que “Suas vidas não começam no dia em que chegamos, nem terminam quando partimos. Suas vidas continuam (Clandinin, 2015, p.99). E como menciona Clandinin (2015, p.120) “A experiência da narrativa do pesquisador é sempre dual, é sempre o pesquisador vivenciando a experiência e também sendo parte da própria experiência”.

Portanto, a abordagem biográfica é uma possibilidade de aproximação ao processo de formação através do ponto de vista do sujeito aprendente. Permitindo nesse contexto metodológico realizar uma pesquisa-formação, no qual as narrativas atuam como dispositivos provocadores, que podem produzir conhecimentos a partir das experiências e vivências dos sujeitos (Josso, 2010). Pensando a formação como a experiência de invenção de si, onde o objeto de observação do/a pesquisador/a é descrito por Josso (2010, p.34):

Como objeto de observação e objeto pensado, a formação, encarada do ponto de vista do aprendente, torna-se um conceito gerador em torno do qual vêm agrupar-se, progressivamente, conceitos descritivos: processos, temporalidades, experiência, aprendizagem, conhecimento e saber-fazer, temática, tensão dialética, consciência, subjetividade, identidade. Pensar a formação do ponto de vista do aprendente é, evidentemente não ignorar o que dizem as disciplinas das ciências do humano.

A pesquisa-formação segundo Josso (2010, p.35) descrita como: “Formar-se é integrar numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros a que acabo de aludir. Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração”. Assim, a experiência formadora (Josso, 2010) é uma articulação entre o saber-fazer e os conhecimentos, contemplando as significações, técnicas e valores. Sendo constituído por meio da experiência formadora e as recordações-referências, que atribuem à formação elementos simbólicos. Josso (2010, p.37) explica a recordação-referência no sentido de que:

A recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (o saber-fazer e os conhecimentos) serve, daí para a frente, quer como referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida. São as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro. E essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade.

As recordações-referência mencionadas acima estão interligadas as experiências dos sujeitos, narradas em suas histórias de vida. Desse modo, entende-se por narrativa de vida, segundo Josso (2010, p.40), como “um percurso intelectual e de práticas de conhecimento põe em evidência os registros da expressão dos desafios de conhecimento ao longo de uma vida”. Falar sobre as experiências, contar sobre sua história, é um ângulo de aprendizagem que traz à formação aspectos do saber-fazer, pensamentos, sentimentos, ou seja, uma dimensão simbólica desse processo, incluindo o repertório de cada um/a. Constituindo o que Josso (2010, p.48) denomina de experiência formadora,

O conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. Articulação que se objetiva numa representação e numa competência. É neste ponto que convém ficarmos atentos à importância da escala com a qual está relacionada a experiência em questão.

A experiência formadora é uma possibilidade de experienciar as discussões centrais desse estudo, os temas de gênero e interseccionalidades, por meio das dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais, experienciando um acontecimento novo (Josso, 2010). A reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada um de nós as emergências que dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas. Para isso, devemos ser capazes de imaginar e de acreditar na possibilidade de poder, querer e ter, para desenvolver ou para adquirir, o saber-fazer, saber-pensar, saber-escutar, saber-nomear, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber-amar, saber-projetar, saber-desejar etc., necessários às mudanças, ao desconhecido que vem ao nosso encontro assim que abandonamos o programa familiar, social e cultural previsto para nossa história (Josso, 2010, p. 62-63).

Portanto, a invenção de si constitui-se em meio a um emaranhado de experiências que fazem parte do repertório de cada um/a, no sentido de construção de um conhecimento de si (Josso, 2010), como menciona Josso (2010, p.70) “(...) na perspectiva das transformações do ser-sujeito vivo e cognoscente no tempo de uma vida, mediante as atividades, os contextos de vida, e as situações que considera formadoras (...)”. Nessa perspectiva, narrar-se, falar sobre si, ressignifica a trajetória de vida e tensiona os repertórios de herança e de novos conhecimentos. Essas constituições formam um conjunto de experiências formadoras e/ou fundadoras, como reflete Josso (2010), no qual denomina de caminhar para si, a partir de quatro categorias:

Aprendizagens existenciais, constitutivas do conhecimento de si como ser psicossomático em nossas dimensões de ser-no-mundo, nossos registros de expressão e nossas competências genéricas transversais particulares; Aprendizagens instrumentais que unem os procedimentos e os processos, em todos os domínios da vida prática, numa dada cultura, num dado momento; Aprendizagens relacionais que possibilitam aquisições de comportamentos, estratégias de trocas de comunicação com o outro, o saber-estar com relação a si mesmo, ao outro e ao mundo;

Aprendizagens reflexivas que permitem a construção do saber-pensar em referenciais explicativos e compreensivos.

Assim, a narrativa de vida contribui no processo de rememorar-se e de articulação das experiências de vida, com a narrativa de trajetórias formativas escolares, profissionais e outras aprendizagens. Nesse sentido, ao narrar-se, os sujeitos exprimem significações conscientes e inconscientes, a partir de um contexto constituído de vivências próprias do sujeito, e devido a isto, Josso (2010) cita o reconhecimento por si como a capacidade de aprender consigo.

Possibilitando o processo de conhecimento de si (Josso, 2010), como uma forma de compreensão do conjunto de experiências vividas que fazem parte do Repertório biográfico dos sujeitos, a proposta de Josso é que a partir do conhecimento de si, os sujeitos podem transformar-se socioculturalmente, ativa e passivamente, de modo a explorar as suas próprias histórias de vida, logo, discute que:

Esse conhecimento de si não se especializa em um ou em vários dos registros das ciências do humano; tenta, pelo contrário, apreender as suas complexas imbricações no centro da nossa existencialidade. Procura, pois, envolver os nossos diferentes modos de estar no mundo, de nos projetarmos nele e de o fazermos na proporção do desenvolvimento da nossa capacidade para multiplicar, alargar, aprofundar as nossas sensibilidades para nós mesmos e para o mundo, para questionar as nossas categorias mentais na medida em que se inscrevem numa historicidade e numa cultura.

Desse modo, a narrativa como dispositivo de pesquisa-formação projeta a rememoração de recordações em experiências contadas, onde os sujeitos que narram deixam-se contar, detalhar, esconder, e percorrer os seus trajetos formativos.

3. Resultados e Discussão

O termo “dispositivo” de pesquisa, tem como base os estudos de Marta Souto (2007) e Marie-Christine Josso (2007 & 2010), no qual pode ser compreendido como um espaço provocador de aprendizagens, que permite conhecer através das narrativas de vida outros significados e formas de relações na formação docente (Souto, 2007). Sendo a definição para o termo segundo Josso (2007, p.414):

Um dispositivo de formação que, por pouco que seja, integre a reflexão sobre esse projeto, a partir, por exemplo, de uma análise de histórias de vida dos aprendentes, pode, desse modo, ver aflorar e penetrar nas preocupações existenciais dos aprendentes adultos. Assim, a questão do sentido da formação, vista através do projeto de formação, apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que hoje permeiam os atores sociais, seja no exercício de sua profissão – eles se assumem como porta-vozes dos problemas dos grupos sociais com os quais operam –, seja nas vivências questionadas e questionadoras de sua própria vida.

Agregando-se ao Imaginário Social, por meio do conhecimento das Significações Imaginárias Sociais através da narrativa de vida de cada um/a termo este que compõem o dispositivo do Baralho. A compreensão das Significações Imaginárias Sociais está alicerçada nos estudos de Cornelius Castoriadis (1982), no qual, podemos compreender a sociedade por meio das significações, sejam elas correspondentes ao percebido, o racional ou o imaginário (Castoriadis, 1982).

Assim, como menciona Castoriadis (1982, p.411) “As significações não são, evidentemente, o que os indivíduos se representam consciente ou inconsciente, ou aquilo que eles pensam”. É uma espécie de representação social que cada indivíduo constitui em seu habitar social, ou melhor, é a manifestação do Imaginário Social na sociedade como instituinte e/ou instituído. A partir deste entendimento, como destaca Castoriadis (2002):

A significação imaginária social faz as coisas existirem enquanto tais coisas, apresenta-as como sendo isso que elas

são – o ‘isso que’ sendo introduzido pela significação, que é, indissociavelmente, princípio de existência, princípio de pensamento, princípio de valor e princípio de ação.

No caso da pesquisa de Doutorado no qual o Baralho foi o dispositivo para as entrevistas, os temas utilizados nas cartas tinham haver com questões de Gênero, diversidade, interseccionalidades e a formação de professores/as. Diante disto, passa-se a apresentar o dispositivo de pesquisa Baralho das Significações Imaginárias Sociais, composto de dezessete (17) cartas, com palavras provocadoras para a narrativa, como pode ser visto a seguir:

Figura 1 – Cartas do Baralho das Significações Imaginárias Sociais.





Fonte: Elaborado pelas autoras.

O objetivo do Baralho está na provocação da narrativa de vida por meio de palavras representativas sobre os temas centrais do estudo interligando-se ao senso comum presente no entendimento cotidiano das temáticas. No qual o/a entrevistador/a solicita que o/a entrevistado/a escolha uma das cartas do Baralho, ao escolher, a pessoa deve narrar as suas reflexões sobre a palavra, e as demais conexões com a história de vida, profissão e concepções sobre a mesma. As cartas deixam os sujeitos livres a falarem, a narrarem sobre as suas experiências, e por isso torna-se um momento Biográfico sobre si e sobre o olhar com o outro.

Nesse sentido, o senso comum presente no dispositivo de pesquisa é resultante do cotidiano e da vida das pessoas, ou seja, como destaca Jessé Souza (2016), a enorme maioria da sociedade não é especialista em questões de um escopo acadêmico, como por exemplo, termos, conceitos ou teóricos. Dessa maneira, a presença de uma “pitada” de senso comum torna-se um facilitador das questões provocadas na pesquisa. Ao definir senso comum, Jessé Souza (2016) menciona:

Como a enorme maioria das pessoas não é especialista no funcionamento da sociedade, mas necessita conhecer regras básicas de convívio social para levar suas vidas adiante, o “senso comum” preenche precisamente essa lacuna “pragmática”. Existe também a necessidade pragmática de se responder à questão “quem nós somos”, “como devemos agir”, “o que caracteriza uma sociedade justa” ou, o que perpassa todas essas questões, “o que singulariza os brasileiros de outros povos”. A importância fundamental dessas questões é tanto existencial, na dimensão individual, quanto política, na dimensão coletiva.

Passa-se a explicitar a possibilidade de interpretação das narrativas de vida por meio da Hermenêutica Feminista, que provoca um olhar feminista aos processos experienciados no estudo, ou seja, possui em sua base teórica os estudos de cientistas feministas, onde foram tensionados pontos referentes ao modelo tradicional de pesquisa, provocando a inclusão de vozes social e culturalmente invisibilizadas a esse contexto científico.

O foco narrativo nesta perspectiva está na historicização da vida de cada um e uma, desse modo, como menciona Dias (1994, p.374) “Impõe-se a necessidade de documentar a experiência vivida como possibilidade de abrir caminhos novos”. Segundo Dias (1994), a hermenêutica é um instrumento de possibilidades de interpretações provisórias e críticas sobre a realidade analisada.

A partir dos estudos de Edla Egger, se tem o desenho de um caminho metodológico feminista, no qual, conceitua sobre a epistemologia feminista, como uma forma de pensar o conhecimento a partir das produções de mulheres (Castro & Egger, 2012). No qual mencionam que:

A epistemologia feminista tem denunciado e alertado a supergeneralização, apontando que os valores, as experiências, os objetivos e as interpretações dos grupos dominantes são apenas os valores, as experiências, os objetivos e as interpretações desses grupos, não da humanidade como um todo.

Portanto, esta abordagem contempla a discussão de questões de classe social, gênero, raça, etnia, contribuindo na modificação epistêmica do conhecimento patriarcal e excludente. Desse modo, segundo Castro e Egger (2012, p.235):

O olhar epistemológico feminista, tanto ordinário como científico, permite reler a história e, sem dúvida, os resultados das inúmeras perspectivas abertas têm sido dos mais criativos e instigantes. A epistemologia feminista aponta, sobretudo, como fonte principal, a experiência.

A epistemologia feminista surge, como um campo da pesquisa epistemologia social, preocupando-se com os estudos sobre o papel do gênero nas relações em sociedade (Ketzer, 2017). Oriunda da premissa de que “há preconceito de gênero infiltrado nas mais variadas áreas do conhecimento humano. Esses preconceitos de gênero são expressos em “determinadas afirmações e facilitado[s] pelos princípios disciplinares básicos” (Ketzer, 2017, p.97).

Portanto a hermenêutica feminista valoriza a narrativa, e quem narra, pensando a investigação a partir do lugar de quem vive, da margem ao centro (Hooks, 2019). As ideias do feminismo decolonial contribuem para a constituição hermenêutica do olhar interpretativo na pesquisa, devido ao contexto de partida, sendo este os paradigmas não dominantes em relação a concepção epistemológica do conhecimento.

O contexto hermenêutico do feminismo decolonial traz para o entendimento de relações globais e locais o rompimento da priorização do pensamento eurocêntrico, articulando-se com a proposta da América como um produto da modernidade, como um sistema-mundo (Curiel, 2020). A concepção do termo sistema-mundo pode ser entendida como: “(...) os estudos pós-coloniais consideram o papel fundamental das epistemes, a perspectiva decolonial também o faz, com a diferença de que esse papel se entrelaça, diretamente, com os processos econômicos e políticos” (Ferrara & Carrizo, 2020, p.3).

Dentro desse contexto hermenêutico feminista decolonial torna-se relevante na aproximação das narrativas dos/as sujeitos a acerca das experiências de vida, realizando um processo de atravessamento e discussão sobre a visão eurocêntrica da ciência. Tendo como base a decolonialidade (Curiel, 2020), em uma retomada de perspectivas complexas sobre as relações com os entrelaçamentos e atravessamentos de temas como raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica. Assim, sobre o conceito de decolonialidade, Ochy Curriel (2020, p. 126) menciona que:

Esse conceito pode ser explicado a partir do entendimento de que com o fim do colonialismo como constituição geo política e geo-histórica da modernidade ocidental europeia, a divisão internacional do trabalho entre centros e periferias, assim como a hierarquização étnico-racial das populações e a formação dos estados-nação na periferia, não se transformou significativamente. O que acontece, ao contrário, é uma transição do colonialismo moderno à colonialidade global.

Essa proposta metodológica de interpretação faz a provocação sobre a discussão da concepção do conceito de gênero, fazendo a crítica a vinculação do mesmo com as relações humanas pelo viés do pensamento masculino, branco e europeu. Assim, Curriel propõe a desvinculação dessa perspectiva, no qual discute “Para essa feminista decolonial, o tipo de diferenciação aplicada aos povos colonizados e escravizados é pelo dimorfismo sexual – macho e fêmea - o que dá conta da capacidade reprodutiva e da sexualidade animal” (Curriel, 2020, p.127), propõe que:

Uma posição decolonial feminista significa entender que tanto a raça quanto o gênero, a classe, a heterossexualidade etc. são constitutivos da episteme moderna colonial; elas não são simples eixos de diferenças, são diferenciações

produzidas pelas opressões, de maneira imbricada, que produzem o sistema colonial moderno.

Com isso, no contexto dessa pesquisa, a hermenêutica feminista atua como uma metodologia provocativa de atravessamentos decoloniais e na problematização de conceitos e categorias de estudo de forma epistemologicamente política, necessária a construção do conhecimento a partir do feminismo e das interseccionalidades.

4. Conclusão

Em conclusão, a abordagem biográfica na pesquisa em educação emerge como uma ferramenta valiosa e enriquecedora para compreender as complexidades do desenvolvimento humano no contexto educacional. Ao explorar as histórias de vida dos envolvidos, sejam docentes, discentes ou outros atores educacionais, essa abordagem proporciona uma visão mais profunda e holística das experiências educacionais. A interseção entre as trajetórias individuais, o ambiente escolar e os processos de aprendizagem revela nuances cruciais que podem escapar às abordagens mais convencionais.

A pesquisa biográfica não apenas oferece insights sobre os desafios enfrentados, as escolhas feitas e os momentos significativos na vida educacional, mas também destaca a importância da subjetividade e da singularidade de cada jornada. Ao reconhecer a riqueza das narrativas pessoais, a abordagem biográfica se torna uma ponte vital entre a teoria educacional e a prática, proporcionando uma compreensão mais completa e contextualizada que pode informar políticas, práticas pedagógicas e pesquisas futuras.

Referências

- Bandeira, L. (2008). A contribuição da crítica feminista à ciência. *Estudos Feministas*, 16(1) 288.
- Castoriadis, C. (1982). A instituição imaginária da sociedade. Tradução de Guy Reynaud revisão técnica de Luiz Roberto Salinas Fortes. Paz e Terra.
- Castoriadis, C. (2002). *As encruzilhadas do labirinto II – os domínios do homem*. (2a ed.). Paz e Terra.
- Castro, A. M. A., (2012). Egger, E. Alguns apontamentos sobre a epistemologia feminista. *Sociais e Humanas*, 25(2), 231-238.
- Clandinin, D. J. (2015). *Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa*. /D. Jean Clandinin, F. Michael Connelly, tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. (2a ed.). EDUFU.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento*. Tradução Jamily Pinheiro Dias. Boitempo, 2019.
- Curiel, O. (2020). Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / Organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda, autoras Adriana Varejão [et al.]*. Bazar do Tempo.
- Dias, M. O. L. S. (1994). Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. *Revista Estudos Feministas*, 2(2), 373 – 382
- Ferrara, J., & Carrizo, S. (2022). Caminhos para um feminismo de colonial. *Cadernos Pagu*, (62), 22-29.
- Ferry, G. (2004). *Pedagogia de la formación*. Centro de Publicaciones Educativas y Material didático, 128p.
- Josso, M-C. A (2010). experiência de vida de formação. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira, revisão científica Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso – (2a ed.). EDUFUN, Paulus, 2010. 341 p. – (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida). p.33
- Ketzer, P. (2017). *Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e Problematizações*. Argumentos, 9(18).
- Paixão, M., & Eggert, E. (2011). A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul [recurso eletrônico] / Edla Eggert, organizadora*. EDUNISC.
- Souto, M. (2007). El carácter de “artificio” Del dispositivo pedagógico em la formación para el trabajo. Facultad de Filosofía y Letras.
- Souza, J. (2016). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Jessé Souza; colaboradores André Grillo ... [et al.]. (2a ed.). Editora UFMG.